



REVISTA
CULTURA, ESTÉTICA & LINGUAGENS

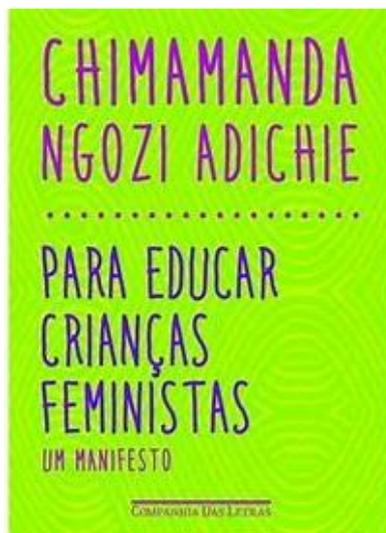
Vol. 04, Nº 02 - AGO. 2019



N
O
S



Resenha



PARA EDUCAR CRIANÇAS FEMINISTAS: UM MANIFESTO REVOLUCIONÁRIO

CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE, COMPANHIA DAS LETRAS, 2017.

<https://doi.org/10.5281/zenodo.5363157>

Envio: 18/05/2019 ♦ Aceite: 06/08/2019

REBECA PATRÍCIA MENDONÇA MACHADO



Professora de Ciências e Biologia, graduada em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro em 2018; e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Saúde do Instituto NUTES/UFRJ.

Chimamanda Ngozi Adichie é uma escritora nascida, em 1977, na cidade de Enugu, Nigéria. Aos dezenove anos já havia sido editora na revista “The Compass”, de sua antiga universidade, onde cursou medicina e farmácia durante um ano e meio. Mudou-se para os Estados Unidos para cursar comunicação e ciência política na Universidade Eastern Connecticut e completou seu mestrado em escrita criativa na Universidade Johns Hopkins, em Baltimore. Conhecida pelos títulos “Hibisco Roxo” (2011), “Meio Sol Amarelo” (2017) — livro vencedor do National Book Critics Circle Award e do Orange Prize de ficção 2007 — “No seu Pescoço” (2017), “Americanah” (2014) e “Sejamos todos Feministas” (2014). A autora também é reconhecida por suas palestras: “O perigo de uma história única” para o TED, em 2009, onde falou sobre a estereotipação dos povos, reduzindo-os à pobreza e ao sofrimento, apagando suas identidades; e em 2012, “Sejamos todas feministas” para o TEDxEuston, que teve parte do discurso musicado na canção “Flawless” da cantora Beyoncé.

Além de escritora de romances de sucesso, o trabalho de Adichie também tem sido utilizado como referencial teórico no universo acadêmico. Como exemplo podemos citar o trabalho de Flávia Santos (2017), que analisa a desconstrução do modelo histórico e eurocêntrico e a resistência Igbo, narrado em Meio Sol Amarelo (2006).

“Para Educar Crianças Feministas” é uma adaptação da carta para uma amiga que desejava compreender como educar sua filha para ser uma pessoa feminista. A obra é composta por uma introdução e quinze sugestões de para tal missão, abordando desde os primeiros meses de vida e incluindo reflexões sobre a forma como a mãe enxerga a maternidade.

Na introdução, Chimamanda considera ser urgente a mudança na criação das crianças “na tentativa de preparar um mundo mais justo para mulheres e homens” (p. 8). Antes de discorrer sobre as sugestões, a autora inicia sua correspondência anunciando suas premissas, que ela diz ser suas duas “ferramentas feministas”. A primeira delas é a de que todos nós temos igual valor, independente das circunstâncias e defende que feminismo é uma questão de contexto. Essa segunda ferramenta é uma

pergunta “... a gente pode inverter X e ter os mesmos resultados?”, sintetizando: o que vale para o homem vale para a mulher? Obtendo resposta positiva, então, é uma escolha feminista.

A primeira sugestão da escritora é a de que a mulher que é mãe continue a ser uma pessoa completa e não se resuma à maternidade. Chimamanda ilustra a sugestão trazendo a fala da jornalista Marlene Sanders, correspondente de guerra no Vietnã, e mãe, que aconselha: “nunca se desculpe por trabalhar. Você gosta do que faz, e gostar do que faz é um grande presente que você dá a sua filha”. Esta primeira sugestão fala sobre como a criação está ligada quase que exclusivamente à mulher. Conta como é enaltecida a ideia de que as mulheres são capazes de dar “conta de tudo”, “mas não questiona a premissa desse enaltecimento” (p.17). Também entrelaça a ideia de que o trabalho de cuidar da casa é da mulher e defende que as obrigações do lar não deveriam ter gênero. O mesmo tema aparece nas sugestões de número dois, seis e dez, que abordam o sexismo e o uso seletivo da biologia para justificar a opressão, como se as normas sociais não pudessem ser alteradas. O que me leva a incorporar aqui o capítulo treze da obra “Mulheres, Raça e Classe” de Angela Davis (2016), no qual a autora disserta sobre a “privatização do universo feminino”. Davis aponta que a dona de casa é um subproduto ideológico, estabelecendo os cuidados com a casa e filhos como modelo universal de feminilidade (Davis, 2016). No livro, especialmente neste capítulo, Davis corrobora o argumento de Adichie, de que as normas sociais precisam e podem ser modificadas pela sociedade.

Tangencialmente à feminilidade temos a divisão dos indivíduos por seus “papéis de gênero” trazidos nas sugestões três, quatro, oito e dez. Chimamanda exterioriza sua indignação com relação à divisão de seção de roupas e brinquedos para meninas e meninos. Questiona “quem foi o gênio do marketing que inventou essa dualidade rosa-azul?” (p. 24) e constrói uma narrativa sobre como os papéis de gênero são totalmente absurdos. “Nunca lhe diga para fazer ou deixar de fazer alguma coisa “por que você é

menina”. “Porque você é menina nunca é razão para nada. Jamais” (p.21). A autora defende que gênero pode ser uma camisa de força que impede que a criança alcance todo o seu potencial. Na oitava sugestão explica que Chizalum (filha da amiga a quem a carta se dirige) não deve se preocupar em agradar a ninguém. Argumenta nesta e em outras sugestões que mulheres são fortemente instruídas a serem boazinhas, comportadas e passivas. Lembra também de quando a chamaram de “raivosa”, em um artigo escrito sobre ela. Declara, sem envergonhar-se por isso: “claro que tenho raiva. Tenho raiva do racismo. Tenho raiva do sexismo” (p. 31). Adichie chama a atenção para o fato de que não ensinamos aos meninos que eles devem ser agradáveis e bonzinhos, caso contrário “as pessoas” não vão gostar deles, mas o fazemos às meninas. Ngozi exemplifica como isso pode ser perigoso ao citar predadores sexuais que se aproveitam disso, uma vez que muitas meninas ficam quietas quando são abusadas, já que foram ensinadas a serem agradáveis e boazinhas. Sendo assim, aconselha a amiga a criar a filha para ser honesta e elogiar quando ela tomar uma posição vista como impopular: “diga-lhe que ela também merece a bondade dos outros, ensine-a a defender o que é seu” (p. 49 e 50). Estes temas também são tratados em “Sejamos Todos Feministas” (2014), a autora se impressiona com a preocupação que nós mulheres temos em sermos “queridas”, bem vistas perante os homens, porém a recíproca não acontece. A agressividade e dureza são aspectos positivos e elogiáveis nas pessoas do sexo masculino enquanto as mulheres são ensinadas a não discordar (Adichie, 2014, p. 26-27). No trabalho de Silva e Brabo (2016), sobre papéis de gênero na infância, os autores consideram que tais normas sociais reprimem a identidade humana entendida como diversificada e múltipla. Sustentam que o sexismo é um artifício para a designação dos papéis sociais para privilegiar o homem como o forte e dominador ao longo da história.

Na quinta sugestão, Chimamanda manifesta a importância da leitura para entender e questionar o mundo. E que a melhor maneira para a criança incorporar o hábito é ter o exemplo de ver a mãe (ou responsável) lendo.

Não tratar o casamento como realização/aspiração de vida é a sétima sugestão da autora. Justifica como é desigual a relação que homens e mulheres possuem com o matrimônio e, por isso, a instituição casamento gera um desequilíbrio sórdido, prejudicando essencialmente às mulheres, inclusive no fato de termos, em algumas sociedades, que mudar nossos nomes.

Nativa da cultura Igbo, Chimamanda aponta a importância do senso de identidade na nona sugestão. Fala sobre como a mãe pôde ensiná-la a abraçar as partes bonitas de sua cultura Igbo, como a valorização da comunidade, consenso e profunda sabedoria de sua língua e provérbios. A autora relembra situações da infância, envolvendo seu cabelo e as horas que perdia aos sábados para mantê-lo bem ajeitados e questiona “o que os meninos faziam aos sábados?” (p. 57). Alerta sobre como as crianças desde cedo percebem que tipo de beleza é valorizada (branca e magra) nas mídias. Orienta, então, a amiga a apresentar sempre alternativas de cultura e beleza para a filha. A mesma questão é tratada por Nilma Lino Gomes (2002), que articula cabelo e identidade e mostra como o cabelo crespo é um forte ícone identitário. Analisa como o corpo é biologicamente e simbolicamente construídos na cultura e na história e situam nosso ser e estar no mundo. É imprescindível o diálogo relativo a tais questões e como é proveitoso que essa conversa venha desde cedo em casa junto aos responsáveis e “bons exemplos” por eles selecionados. Chimamanda apresenta o poder das alternativas como forma de oferecer às crianças diferentes formas de lidar com o mundo e consigo mesma.

A sexualidade é abordada no livro ao longo da décima segunda sugestão. A autora exemplifica como tratar do assunto com os/as filhos/as, mesmo que o tema implique em certo constrangimento. Conversar sobre sexo sem fingir ser uma “mera ação reprodutiva controlada” (p. 65), mostrando que pode ter consequências físicas e emocionais. Chimamanda acredita que descobertas acerca da sexualidade e do corpo podem ser mais agradáveis se levantadas em um ambiente confiável, construído em

conjunto, considerando ainda a forma única de cada família ao abordar essas informações.

Amor e sexo ainda permanecem no centro da décima terceira sugestão, onde a autora dá novamente destaque ao poder do diálogo com os/as filhos/as sobre romance e sexo. Salienta que há uma tendência a pensar sobre a linguagem necessária para falar sobre estas esferas da vida. Sempre trazendo acontecimentos do dia-a-dia, a escritora mostra como as meninas são ensinadas que amor é sacrifício e, mais uma vez, que não ensinamos o mesmo aos garotos.

A décima quarta sugestão vem em forma de aviso pela autora. Aviso de que ao ensinar sobre a opressão que um sujeito sofre, isto não o torna moralmente superior. "Mulheres são tão humanas quanto os homens. A bondade feminina é tão normal quanto a maldade feminina" (p. 75). Ela também levanta o debate de que a misoginia feminina existe e que isso não diminui a luta em nada. Porém, reforça que a dignidade é direito de qualquer ser humano.

A décima quinta e última sugestão apresenta a visão da autora de que a diferença faz parte no nosso mundo e que é comum/normal. Para ela, trazer esses assuntos desde cedo na infância pode contribuir para a aceitação da diversidade. A décima quinta e última sugestão apresenta a visão da autora de que a diferença faz parte no nosso mundo e que é comum/normal: "ensine-a a não atribuir valor à diferença"(p. 76). Chimamanda teoriza que isso não a torna justa ou boazinha, mas, humana e prática, tornando-se, assim alguém capaz de sobreviver num mundo diversificado. A última sugestão discorre sobre respeito às diferenças, mas adverte que isso não quer dizer que a criança não vá ter opinião, para ela "não julgar" não significa não ter opinião sobre coisa alguma. A autora considera que ter opiniões é ótimo desde que elas venham de uma "base bem informada, humana e mente aberta" (p. 78).

O livro "Para Educar Crianças Feministas" é uma excelente opção para quem deseja proporcionar às crianças (filhas/os ou não), uma criação onde os estereótipos de

gênero sejam reduzidos. Visto aqui como um manifesto revolucionário por ir contra os padrões sociais com potencial para abranger a luta por uma sociedade mais justa; para que mulheres e homens possam crescer sendo verdadeiros consigo mesmos, valorizando suas habilidades pessoais fora de amarras. E para isso é necessário começar! Começar a criar nossas filhas e filhos de maneira diferente para um futuro mais feliz e autêntico (Adichie, 2014). O manifesto é de agradável leitura com exemplos interessantes que ilustram bem os embates de gênero, o que facilita a compreensão e identificação com os temas, podendo ser lido, compreendido e incorporado dentro e fora da academia.

REFERÊNCIAS:

- Adichie, C. **Hibisco Roxo**. São Paulo: Companhia das Artes, 2011.
- Adichie, C. **Americanah**. São Paulo: Companhia das Artes, 2014
- Adichie, C. **Sejamos todas Feministas**. São Paulo: Companhia das Artes, 2014,
- Adichie, C. **Meio Sol Amarelo**. São Paulo: Companhia das Artes, 2017.
- Adichie, C. **No Seu Pescoço**. São Paulo: Companhia das Artes, 2017.
- Adichie, C. **Para Educar Crianças Feministas: Um Manifesto**. São Paulo: Companhia das Artes, 2017.
- Davis, A. **Mulheres, Raça e Classe**. Rio de Janeiro: Boitempo, 2016.
- Gomes, N. **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural?** Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Educação, 2002.
- Santos, F. **Meio Sol Amarelo e a Crítica ao Pensamento Eurocêntrico sobre a África: Biafra e a Resistência Igbo**. Dissertação de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade, Universidade Estadual da Paraíba, 2017.
- Silva, M., Brabo, T. **A Introdução Dos Papéis De Gênero Na Infância: Brinquedo De Menina E/Ou De Menino?** São Paulo: Trama Interdisciplinar, 2016.
- Site Oficial de Chimamanda Adichie. Disponível em <http://chimamanda.com/about-chimamanda/>. Acesso em 18/08/2019